

# O ABRIGO DO PASSADEIRO, PALAÇOULO (MIRANDA DO DOURO). UM CASO DE ESTUDO DE GRAVURAS RUPESTRES DOS INÍCIOS DO HOLOCÉNICO NO NORDESTE DE PORTUGAL

Maria de Jesus Sanches<sup>1</sup>  
Joana de Castro Teixeira<sup>2</sup>

## RESUMO:

Partindo do caso de estudo das gravuras rupestres do abrigo do Passadeiro (Nordeste de Portugal/Zona oriental da Meseta Ibérica), discutiremos em termos sintéticos a cronologia das gravuras abstratas e subnaturalistas nesta região. No eixo da discussão encontra-se: i) a contextualização cronológica e cultural das gravuras de tipo garra do Diabo e, bem assim, dos riscos finos que com aquelas se associam graficamente; ii) a sobreposição gráfica destas gravuras por um veado em estilo subnaturalista, datável dos inícios do Holocénico. Serão ainda referidas questões relativas ao povoamento regional desde o final do Tardiglaciário aos meados do Holocénico.

**Palavras-chave:** Paleolítico; gravuras abstractas e subnaturalistas do Epipaleolítico/Mesolítico; gravuras de tipo “unhada do Diabo”; NW da Meseta ibérica.

## ABSTRACT:

Taking the Passadeiro rock engravings study case as a starting point we will synthetically discuss the chronology of the abstract and subnaturalistic rock art within this region (Northeast of Portugal /Northwest of the Iberian Meseta). At the center of our discussion there are two core questions, they are: i) the chronological and cultural context of “devil claw” type carvings, as well as the other linear and thin motifs graphically associated with them; ii) the fact that, in Passadeiro, those motifs (“devil claw” carvings associated to thin linear risks) are overlapped by a subnaturalistic drawing of a red deer, typologically attributable to the beginnings of the Holocene. Questions will also be brought up concerning the regional prehistoric occupation from the end of the Tardiglaciário period to the middle of the Holocene.

**Keywords:** Palaeolithic; Epipaleolithic/Mesolithic abstract and subnaturalistic rock drawings; Devil claw type engravings; Northwest of the Iberian Meseta region

## 1. OBJECTIVOS

O objetivo deste texto é o de fazer a divulgação preliminar do painel 1 do *Abrigo sob rocha do Passadeiro* (Palaçoulo, Miranda do Douro).

---

<sup>1</sup> Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP). mjsanches77@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP). joanacastroteixeira@gmail.com

Embora este complexo mas peculiar abrigo necessite de um registo de pormenor da sua arquitectura natural, dos painéis, grafismos gravados e mesmo de escavações arqueológicas, as primeiras observações sobre a sua complexa estratigrafia figurativa, particularmente a do painel 1, onde se desenha um cervídeo macho de estilo subnaturalista, justificam desde já a sua divulgação. Esta tem importância no quadro da compreensão da cronologia dos desenhos abstractos, esquemáticos e subnaturalistas, com destaque para aqueles já conhecidos como unhas/garras do diabo ou fusiformes<sup>3</sup>, não somente do Planalto Mirandês mas de uma alargada região peninsular que se centra na Meseta ocidental e inclui as bacias dos rios Douro e Tejo. Essa problemática tem vindo a ser discutida por nós a propósito de um outro abrigo sob rocha – o abrigo da Foz do Tua –, um sítio com quase meia centena de painéis com gravuras (e um painel com pinturas) naturalistas, semi-esquemáticas, esquemáticas e abstractas, cuja cronologia transcorre desde o Paleolítico superior até à Pré-história recente (Neolítico-Calcolítico) (Sanches, M. J. & Teixeira, J. C., 2013).

## 2. ACERCA DA DESCOBERTA DO ABRIGO DO PASSADEIRO

O Abrigo do Passadeiro já foi descoberto e divulgado no final dos anos de 1990 (Bernardo, H., 2000), tendo merecido mesmo um texto desenvolvido em 2003 (Benito del Rey, L.; Bernardo, H. & Sánchez Rodríguez, M.) (Fig. 1). Este incluiu o decalque das gravuras realizadas por abrasão de tipo unha do diabo e a problemática ali discutida centrou-se na interpretação do abrigo como sendo um santuário de carácter público, de que fariam parte essas séries de riscos profundamente insculpidos e abrasionados com um instrumento lítico. Estas séries foram interpretadas como uma espécie de “pré-escrita” onde os grafemas delinearão uma cadeia glótida já com segmentação interna, isto é, seriam signos sonoros sumariamente encadeados que o “oficiante” recitaria, dando-lhe sentido perante uma audiência (Benito del Rey, L.; Bernardo, H. & Sánchez Rodríguez, M., 2003: 204) (Fig.4.2).

Precisamente ao painel 1<sup>4</sup>, que é objeto central deste texto, não é conferido por aqueles autores um papel tão importante como ao “painel central”. Aquele seria antes um painel secundário onde se gravaram “notas marginais” da defendida cadeia glótida. Por sinal, estes autores não observaram ali outras gravuras além das fusiformes e de alguns riscos de feitura recente.

Foi através de uma foto de uma parte do painel 1 que Antero Neto nos mostrou, e onde referia já ver um animal, que com ele nos deslocamos ao abrigo e verificamos tanto a idiossincrasia da sua morfologia à escala regional como, particularmente, a complexidade da estratigrafia figurativa daquele que apelidamos de painel nº 1 (Fig. 2.2).

## 3. O SÍTIO: SUA LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO

### 3.1. Localização

Localiza-se o Abrigo do Passadeiro a sudoeste da aldeia de Palaçoulo (Miranda do Douro)<sup>5</sup>, na margem esquerda de um pequeno curso de água temporário – a Ribeirica – que no seu percurso para oeste vai ganhando caudal, dando origem à Ribeira das Tortulhas, afluente do Rio Angueira (Fig. 2.2). Este, mais adiante, vai engrossar o rio Sabor. Insere-se assim no Planalto Mirandês (NE de Portugal) e na bacia hidrográfica do rio Sabor (Fig. 1.1). Integra-se, a uma escala próxima, num conjunto de 3 abrigos das margens da Ribeirica (sendo os outros dois o Barroco Pardo/Fraga da Moura e o Açude do Carvão), separados entre si por centenas de metros, e exibindo, todos eles,

<sup>3</sup> São conhecidos por ambos os termos. Contudo preferimos o de “ unhas ou garras do diabo” pois é aquele mais ligado às lendas da tradição popular. Neste texto podemos usar um ou outro, sendo que ambos se referem a um mesmo tipo de gravuras.

<sup>4</sup> Esta numeração foi-lhe atribuída por nós.

<sup>5</sup> Tem as seguintes coordenadas: 41º 27' 13,3" de Lat. N; 6º 28' 41,2" Long. W e altitude média de 602 m.

painéis formados por riscos aprofundados por abrasão (unhadas) e riscos muito finos (lineares ou associados em “feixes”), além de covinhas profundas (no caso do Barroco Pardo).

A proximidade geográfica e a pertença à mesma rede hidrográfica do rio Angueira leva-nos a considerar este conjunto de 3 abrigos de Palaçoulo como fazendo parte de um grupo mais alargado de abrigos gravados com o mesmo tipo de motivos, grupo que se estende para sul, para Atenor. Aqui já se conheciam os abrigos de Vale de Espinheiros, de Aguçadeiras e de Vale de Palheiros (Sanches, M. J., 1992: p. 44-46; Est. XVI-XVI).

### 3.2. Descrição geral do abrigo e seus painéis

Tal como a maioria dos abrigos de xisto desta região, caracterizados por conterem quase exclusivamente gravuras de tipo unhada (ou fusiforme), de tendência rectilínea, profundos ou simplesmente muito finos (estes últimos não sujeitos a abrasão contínua), covinhas de várias dimensões e martelados concentrados ou dispersos, define-se também o *Passadeiro* numa assentada de xistos marcada por diaclases horizontais e verticais. Trata-se de um maciço muito fragmentado onde a queda de blocos por desprendimento, a par da erosão da parte frontal, criou uma alargada reentrância que define o abrigo como área protegida. Abre-se o abrigo ao leito da ribeira e está tão próximo desta que em épocas de grande caudal as águas galgariam a parte mais baixa da sua soleira, actualmente coberta por sedimentos arqueologicamente prometedores (Fig. 1.2 e 2).

É em torno desta soleira mais baixa que se concentram os painéis. A parte protegida pela “pala” do abrigo tem uma orientação sensivelmente SE-NW, virando-se portanto a NE. Mas no extremo NW o maciço desenha um ângulo quase recto, alongando-se para o leito da ribeira. Merece destaque nesta área onde o maciço se alonga, um enorme bloco tombado, de cor mais clara, e que se assemelha, à distância, a uma mega-estela antropomórfica (Fig.2). Embora não saibamos precisar o momento em que aquela terá caído, é um facto que esse bloco cria ali, naquele recanto, já em ângulo, uma área reservada, encobrindo dos olhares todo o painel 2 e, de modo parcial, aquele que é objecto deste estudo preliminar: o painel 1.

Passamos a uma descrição sintética dos painéis gravados (Fig.2.2 e 3).

De SE para NW, e nas superfícies aplanadas subverticais e sub-horizontais, temos, virados para o leito da ribeira, o painel 5 (sub-horizontal) , seguido de um extenso e apelativo painel subvertical, o painel 3, cujas discontinuidades rochosas admitem a sua divisão em sector A, na parte mais baixa, e B, na mais alta<sup>6</sup>. Abaixo deste, e tocando o solo, está o painel 4. No extremo NW, e numa zona mais alta, um painel subvertical muito alongado, desenha o ângulo do maciço, sendo parcialmente escondido dos olhares pelo “bloco-estela” mencionado atrás. É o painel 1. O painel 2, tal como o 1, volta-se também a Sudeste, situa-se à direita daquele, mas ocupa uma posição mais baixa e mais próxima do solo, tal como os painéis 4 ou 5.

Todos estes painéis, à excepção do painel 1, têm como motivos dominantes séries de unhadas muito profundas (particularmente o painel 3, onde destacamos também o comprimento destes motivos lineares), entre as quais se desenham grupos de riscos mais finos (subparalelos ou convergentes) e, nalguns casos, martelados soltos. Assim, somente uma limpeza cuidada, seguida de decalque e observação de pormenor, que tencionamos realizar brevemente, permitiria uma descrição mais afinada. Observam-se, contudo, algumas associações de riscos e fusiformes muito similares àquelas que foram registadas no conjunto da quase meia centena de painéis do abrigo da Foz do Tua (Fig. 5 e 6). Tal facto indica-nos que estamos também aqui perante grafismos razoavelmente formalizados, tanto na sua configuração como associação, e, bem assim, nos gestos e práticas sociais que acompanharam a sua execução e utilização.

---

<sup>6</sup> O painel 3A e 3B é aquele que por conter sequências horizontais de fusiformes é considerado o “painel central” por Benito del Rey, Bernardo e Sánchez Rodríguez (2003).

Deve referir-se que no painel 2 se registam pontos picotados relativamente concentrados e sobrepostos à área deste painel que contém unhas e filiformes.

### 3.3. O painel 1

O painel 1 merece destaque particular pois além de apresentar uma complexa estratigrafia figurativa, só revelável no seu pormenor através de um registo mais fino, exhibe o desenho de um veado, gravado pela técnica de picotado fino, de estilo subnaturalista, sobreposto a um conjunto de gravuras de tipo unha, isto é, aos riscos mais finos que com aquelas se articulam (Fig. 3 e 4.1).

Este painel alongado, de superfícies planas e tendência sub-retangular, tem c. de 2,20 m de comprimento e c. de 0,40 m na sua parte mais larga, que é a central, sendo precisamente aquela ocupada pelo cervídeo. É dividido longitudinalmente por uma fissura/lascamento que marca claramente dois planos, um mais próximo – A –, e um mais recuado – B (Fig. 3.1).

O painel 1B exhibe somente 2 concentrações aproximadamente circulares de pontos picotados finos a par de outros mais soltos e riscos lineares, verticais, de feitura recente.

No painel 1A encontram-se algumas gravuras de tipo unha a par de outros riscos mais finos que se relacionam espacialmente com aquelas. Surgem também aí pelo menos 8 concentrações (ou nuvens) de pontos picotados, mas cujas patines, técnicas de execução e profundidade exigem uma mais cuidada observação já que não parecem ser todas contemporâneas umas das outras, dado que, pelo menos, não foram realizadas com o mesmo utensílio. Uma daquelas concentrações sobrepõe-se à parte anterior do veado, situando-se acima das suas patas dianteiras. Apesar de esta sobreposição poder configurar uma circunstância de associação com o corpo do animal, então essa associação terá ocorrido num momento posterior ao do desenho do cervídeo pois a técnica de realização do picotado é morfologicamente diferente do daquele (Fig. 4.1).

Sobre o corpo do veado voltam a surgir compridos riscos verticais, recentes (sem patine) que atravessam verticalmente o corpo deste zoomorfo.

No cervídeo há a destacar o seu aspecto subnaturalista, patente desde logo na sua “dinâmica” linha cérvico-dorsal e ventral, na perspectiva lateral mas não absoluta do desenho do corpo, das (4) patas e da cabeça, enquanto a cornamenta, desenvolvida, se apresenta em perspectiva frontal. O focinho é afunilado e um melhor registo virá provavelmente mostrar o desenho das oreilhas.

Destaque-se que os quartos traseiros do veado aparecem sobreelevados e como que torcidos de modo a permitir ver o arranque das duas patas traseiras que são levemente encurvadas (arqueadas para diante). O corpo está segmentado interiormente por 3 linhas picotadas que se alongam de modo subparalelo ao dorso e ao ventre, e que são conhecidas na terminologia descritiva destes zoomorfos por “linhas da vida”.

No conjunto, esta figura adquire, pelo desenho, um carácter dinâmico. Este é reforçado ainda pela sugestão de que o veado se encontra em movimento descendente relativamente ao eixo ascendente do painel.

A técnica, como se referiu, consiste num picotado fino, contínuo, desenhando traços firmes/contínuos em todo o corpo do animal. Contudo, nalgumas áreas das “linhas da vida” é mais descontínuo.

## 4. DISCUSSÃO

Embora este texto corresponda a uma observação ainda preliminar do *Abrigo do Passadeiro*, procura mostrar, na linha interpretativa que vimos defendendo, que os abrigos do Leste Transmontano (e das Beiras) – caracterizados por conterem painéis de tipo abstracto, compostos essencialmente por gravuras lineares profundas (unhas/fusiformes) associadas a um claramente superior

número de riscos mais finos –, deverem ser repensados tanto na sua cronologia como interpretação. Dado que estes lugares correspondem aos territórios de circulação das comunidades pré-históricas, então o que se propõe é que se torna obrigatório repensar o povoamento destas regiões nos períodos aos quais são atribuídas estas gravuras.

A técnica não tem, de *per se*, valor cronológico. Contudo, a observação cuidada do abrigo da Foz do Tua (Sanches, M. J. & Teixeira, J. C., 2013) veio mostrar que este tipo de gravuras não pode jamais ser atribuído somente a períodos recentes da Pré-história.

Com efeito, o painel 1 do abrigo do Passadeiro, com o seu veado em estilo subnaturalista, estratigraficamente sobreposto às associações de gravuras de tipo unhada e a riscos finos, parece apontar para uma cronologia situada no início do Holocénico (Epipaleolítico ou Neolítico inicial), ou mesmo, talvez, para a transição entre o Tardiglaciar e o Holocénico, tal como argumentaremos na sequência desta discussão.

Vamos falar em primeiro lugar da situação cronológica e geográfica dos motivos de tipo unhada e daqueles riscos mais finos que com eles se associam nos contextos mais próximos da região que estamos a estudar (Planalto Mirandês) e, em segundo, da possível integração cronológica, baseada no estilo, do veado do Passadeiro.

Devido ao desenvolvimento, nos últimos anos, da investigação em arte rupestre nas bacias dos 3 grandes rios peninsulares – Douro, Tejo e Guadiana – vários investigadores têm vindo a prestar redobrada atenção a um elevado número de riscos finos, filiformes, que surgem por vezes associados com figuras zoomórficas de estilo claramente paleolítico, como acontece na Meseta, em Siega Verde (Alcolea, J. & Balbin, R., 2006), no Alqueva (Collado, H., 2006; Baptista, A. & Santos, A., 2013) e na bacia do Tejo (Gomes, M., 2010).

Em Siega Verde, os signos lineares associados entre si (tipo XI) e que são os mais frequentes nesta estação, a par dos angulares ou em “ramo” (IX e VIII), são idênticos aos dos abrigos que estudamos, embora naquele caso não se trate de unhada profunda, mas de riscos finos. Segundo J. Alcolea e R. Balbin (2006: 478), estes “signos” apesar de acusarem uma certa instabilidade morfológica, devem ser considerados como indissociáveis do fenómeno artístico Quaternário devido às suas características técnicas e espaciais.

No território situado entre o Tejo e o Douro, e particularmente no complexo do Tejo, M. Varela Gomes (2010) referencia também uma cronologia pré-holocénica para este tipo de riscos finos que entende serem por vezes “psicogramas”, nos quais, em termos de significado se terá valorizado o suporte em detrimento dos desenhos (Gomes, M. 2010: 478)<sup>7</sup>, ideia que nós também já defendemos nalguns desenhos do abrigo da Foz do Tua (Sanches, M. J. & Teixeira, J. C., 2013; Teixeira, J.C.; Valdez-Tullett, J. & Sanches, M. J. 2013, no prelo), onde, cumulativamente, a repetição continuada do gesto de abradir a rocha teria um significado comunitário. Contudo, reconhece M. V. Gomes no vale do Tejo a presença de conjuntos mais elaborados, isto é, ideogramas de cronologia também paleolítica. O mesmo autor destaca os desenhos de fusiformes/unhadas nas rochas de S. Simão, Cachão do Algarve e Fratel (Gomes, M., 2010: 375), atribuindo às da rocha 43 de Fratel uma cronologia epipaleolítica. Já num texto anterior, e referindo-se à região de Trás-os-Montes, o mesmo investigador, referindo-se às gravuras de tipo unhada, diz que “podem auferir de cronologia paleolítica ou epipaleolítica” (Gomes, M., 2002: 170).

Com efeito, na bacia hidrográfica do Tejo, mas em situação de encosta, a Pedra das Letras, que contém exclusivamente unhadas (Henriques, F. & Caninas, J., 2009), pode ter uma cronologia igualmente antiga. A par das gravuras do Vale do Tejo, este sítio arqueológico sugere que essa

---

<sup>7</sup> Que insere no seu Período O ou arcaico (Paleolítico superior), destacando em Gardete 11 curtos traços filiformes dispostos em paralelo, associados a figuras zoomórficas que pensa poder incluir no Magdalenense final (Gomes, M. 2010: 478).

tradição cultural já estará enraizada nesta região de entre o Tejo e o Douro pelo menos desde o Epipaleolítico.

Também no complexo do Côa/Douro são variadíssimas as rochas que exibem riscos lineares, finos (Baptista, A., 2009) (Baptista e Gomes, 1997) do tipo daqueles que acompanham as unhas do Passadeiro ou do abrigo da Foz do Tua. Embora a sua sistematização estratigráfica ainda não tenha sido publicada, ela poderá vir a mostrar que tais riscos se poderão associar provavelmente a todas as fases de gravação. Segundo A. M. Baptista (2009: 108), embora raros, surgem mesmo assim no Côa alguns ideogramas/signos mais elaborados, como os de tipo “cometa”, escaleriformes ou ziguezagues, que parecem acompanhar predominantemente as fases magdalenenses, ou as de transição Tardiglaciário/pós-glaciário, como acontece na Rocha 16 do Vale de José Esteves (Baptista, A., 2009: 112).

Destacamos, porém, que embora as unhas não apareçam de modo sistemático no vale do Côa, observamos, embora pontualmente, que também existem ali. Tal é o caso de uma rocha de Vale de Figueira, publicada por F. de Sande Lemos (1989:145)<sup>8</sup>, embora devamos anotar que neste alargado painel as unhas não aparecem associadas a zoomorfos, o que parece acontecer, outrossim, na Rocha 1 do mesmo conjunto de Vale de Figueira (Baptista, 2009:111). Podemos referir ainda a rocha 1 do Fariseu, onde um par de fusiformes surge associado a riscos mais finos (Baptista, A., 2009, p. 57), destacando-se o mesmo painel pelas dezenas de zoomorfos sobrepostos entre si. Ao conjunto destas gravuras zoomórficas e outros riscos do Fariseu poderá ser atribuída *uma idade mínima dos finais do Pleistocénico/ inícios do Holocénico*<sup>9</sup> (Aubry, Santos e Luís, 2014).

No caso do abrigo da Foz do Tua, além de riscos cuja organização é difícil de discernir, surgem associações gráficas de carácter abstracto e aparentemente pouco complexas, que incluem ou não unhas, mas que evidenciam claramente alguns formalismos como os que se mostram na Fig. 5. Neste abrigo estas e outras associações parecem acompanhar graficamente todas as fases de gravação, desde o Paleolítico superior ao Epipaleolítico (painéis 31 e 7, com particular destaque para este último) (Fig. 6) e, quiçá, continuem aqui a ser realizadas durante o Neolítico /Calcolítico (Sanches, M. J. & Teixeira, J. C., 2013).

Na realidade, e à escala regional, este tipo de gravuras abstractas conta com uma datação (arqueográfica e de C14) *ante quem* ao 3º mil. AC. Trata-se da cronologia do Recinto de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) onde dois fragmentos gravados com unhas, procedentes por certo de um mesmo afloramento, foram reutilizados como material de construção (Vale, A., 2012: Fig. 2.16).

Por este motivo torna-se urgente realizar o estudo sistemático das dezenas de sítios que nesta região exibem unhas e outros riscos finos, sistematizar as suas relações endóicas e aquelas que estabelecem com outros motivos/técnicas de gravação, no sentido de afinar cronologias. O estudo do sítio do Passadeiro terá aqui por certo um papel fundamental.

Na realidade, sabemos que tanto no norte como no Sul da P. Ibérica estes signos abstractos são muito frequentes. Com uma morfologia similar aos do Passadeiro, Foz do Tua, Fragas do Diabo e dezenas de outros sítios nesta região (Sanches, M. J., 1992; 1996), este tipo de figurações foi atribuído nas Astúrias ao Aurinhacense (Fortea, 2000-2001)<sup>10</sup>, estando sobrepostas por motivos animalistas em La Viña. Clara Hernando, no entanto, valoriza datas *ante quem* mais recentes para

<sup>8</sup> Rocha 1 de Vale de Figueira: ver ainda o site do Côa onde aparece uma foto de Mário Reis (<http://www.artecoa.pt/index.php?Language=pt&Page=Gravuras&SubPage=GaleriaImagens&Site=33>).

<sup>9</sup> Nesta rocha, o veado que se situa à direita do par de unhas pode ser datado de um período anterior a cerca de 15 000 BP (Aubry, Santos e Luís, 2014: 262, Fig. 2). Porém, o par de unhas ao ser sobreposto pela camada 3 será então anterior a esta deposição de sedimentos. É esta camada 3 que está datada dos inícios do Holocénico (Aubry, Santos e Luís, 2014: 266, fig. 5).

<sup>10</sup> Trata-se de datações obtidas por sobreposição estratigráfica de sedimentos e ainda pelo C14 (AMS).

propor uma possível vigência mais alargada destas manifestações gráficas abstractas que, na sua opinião, poderiam datar ainda do Solutrense (2011, 106).

Em síntese, não querendo defender claramente uma cronologia paleolítica para os painéis rupestres do Nordeste português que contém fusiformes associados a outros riscos mais finos (pois não possuímos ainda suficientes documentos locais para sustentar essa hipótese), cremos ter indícios suficientes para os repensar do ponto de vista cronológico e ideográfico. No que respeita à cronologia jamais poderão ser apressadamente atribuídos a épocas recentes da Pré-história, pois podem em vários casos ser bem mais antigos. É o que parece indicar o veado do Passadeiro, do qual iremos falar de seguida.

Relativamente a este zoomorfo subnaturalista e que apresenta um certo dinamismo, como referimos atrás, os paralelos estilísticos e técnicos para cervídeos de regiões próximas desta encontram-se precisamente no Vale do rio Sabor, particularmente no veado do Cabeço do Aguilhão (Parada) (Figueiredo, S., 2013:75), embora o da Rocha 33 da Canada do Inferno no vale do Côa (Baptista, A., 2009:182) se assemelhe mais ao do Passadeiro no desenho geral (particularmente na parte traseira e patas). Também a parte traseira do veado da Rocha 1 de Vale de Cabrões (Baptista, A. 2009: 213) se compara bem com o do Passadeiro.

Lembremos que o sítio do Passadeiro se situa igualmente na bacia hidrográfica do rio Sabor (precisamente num local de travessia da ribeira) e que a distância geográfica entre estes supracitados cervídeos é relativamente reduzida, inscrevendo-se todos num arco geográfico limitado da bacia do Alto Douro (Fig. 1.1).

Pelas razões aduzidas, estes 3 cervídeos poderão ter uma cronologia idêntica embora naturalmente haja sempre que atender às tradições comunitárias de formular o “desenho” e à sua intenção/função no quadro da vida comunitária. Estes factores e as relações comunitárias extra-regionais poderão ter introduzido cambiantes estilísticas difíceis de explicar. É o caso, por ex., do corpo segmentado do veado do Passadeiro que, com as suas “linhas da vida”, se relaciona estilisticamente mais com os cervídeos do vale do Tejo<sup>11</sup>, particularmente com aqueles subnaturalistas da Rocha F 155 (Baptista, A., 1981; 2009: 210-215; Gomes, M., 2010) ou com o da corça da Rocha 181 de S. Simão (Gomes, M., 2010: anexo I- 72-74), além de se aproximar de outros cervídeos dinâmicos, subnaturalistas, da Lomba da Barca ou Cachão do Algarve. Estes são atribuídos por M. V. Gomes ao Epipaleolítico (Gomes, M. 2010: 259-269; 481-486).

Refiramos também que, embora em casos raros, a “linha da vida”, embora menos elaborada que no veado do Passadeiro, se encontra também no vale do Côa, como se verifica nos capríneos representados na rocha 5 (Baptista, 2009: 214) e 36 da Canada do Inferno (Baptista & Gomes, 1997: 297).

Deste modo, a raridade de exemplares regionais estilisticamente tão parecidos como o são os de áreas geográficas mais distantes, impede-nos de discutir em bases sólidas a cronologia. Talvez o veado do Passadeiro possa inserir-se num período situado na transição do Paleolítico superior para o Epipaleolítico /Mesolítico. Na realidade, há sítios arqueológicos escavados no Vale do Côa (Aubry et al., 2010) e no Prazo, também em Foz Côa (Monteiro-Rodrigues, S., 2012) que comprovam, através de datações absolutas, que esta região do Alto Douro parece ter tido uma ocupação humana, em termos gerais, continuada desde pelo menos o X<sup>o</sup> ao VI<sup>o</sup> mil. AC.

Quer para a Rocha F 155, quer para os zoomorfos referidos acima no vale do Côa, também A. M. Baptista (2009: 209-215) defende uma cronologia adentro do Epipaleolítico, considerando no Côa ser esta uma arte de transição (magdalenense-Epipaleolítico), mas nela inclui também zoomorfos de corpos sub-rectangulares, onde o grau de esquematismo parece ser superior ao do veado do Passadeiro.

---

<sup>11</sup> Embora já em Siega Verde, em pleno ciclo paleolítico (Magdalenense) surjam animais de corpo segmentado no seu interior (Alcolea, J. & Balbin, R., 2006).

Sofia Figueiredo propõe uma cronologia para o veado do Aguilhão situada entre o Epipaleolítico e o Calcolítico (6000 – 2300 AC) (Figueiredo, S. 2013: 76 e 82).

Ao veado do Passadeiro pode também vir a ser atribuída uma cronologia mais recente que aquela que indicámos acima. Este poderia situar-se ainda no neolítico antigo regional, onde as comunidades teriam uma economia largamente recolectora e caçadora. Seria, contudo, anterior à construção de monumentos megalíticos cujas iconografias, na Beira Alta, contém zoomorfos pintados (Orca dos Juncas ou Arquinha da Moura, por ex.), mas onde se verifica que estes se afastam claramente do ponto de vista estilístico, pelo esquematismo e tamanho, daquele do Passadeiro.

Em síntese, há um longo caminho a percorrer na investigação regional desta área do território do Noroeste da Meseta ibérica no que respeita ao conhecimento do povoamento e da marcação do território com grafismos desde o final dos tempos glaciares aos meados do Holocénico. Nessa medida, o estudo, com escavações, do abrigo do Passadeiro (Miranda do Douro) e de outros conjuntos paradigmáticos, como são os das Fragas do Diabo (Mogadouro), que tencionamos realizar, a par daquelas que decorrem no vale do Côa e no baixo vale do Sabor, poderá vir a fornecer documentos decisivos para a caracterização das comunidades pré-históricas desta região.

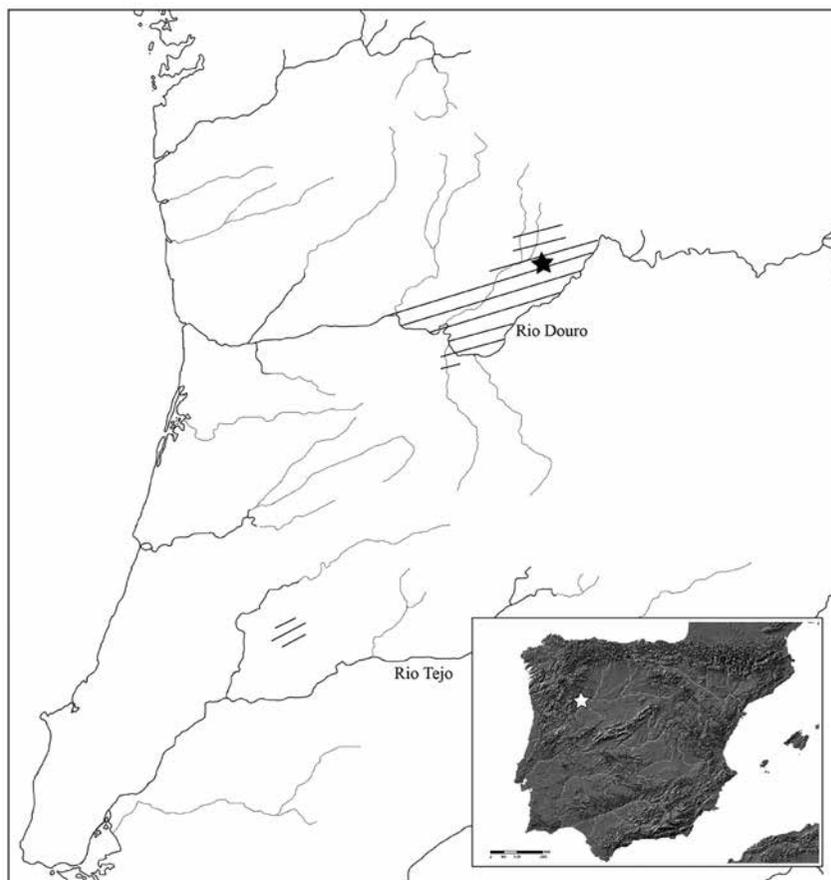
## AGRADECIMENTOS

Estamos gratas a Antero Neto por nos ter conduzido ao abrigo do Passadeiro e, igualmente, a Sérgio Monteiro-Rodrigues e André Santos pela colaboração na discussão.

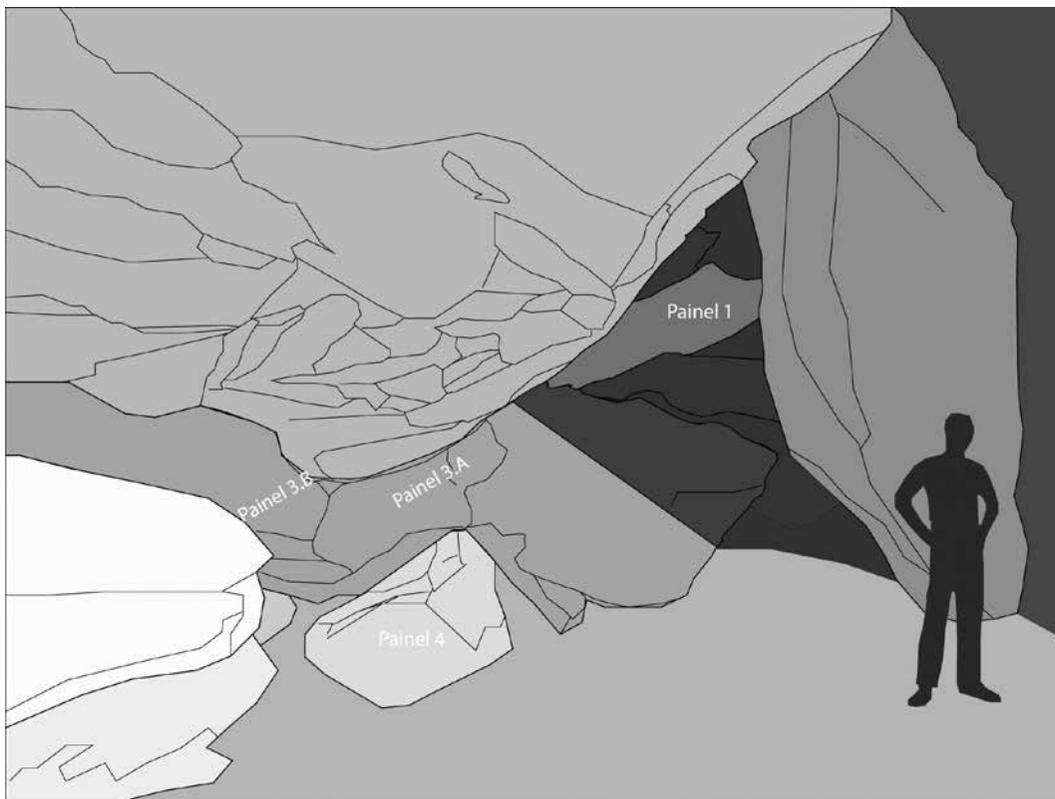
## BIBLIOGRAFIA:

- ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J., & BALBÍN BEHRMANN, R. (2006), *Arte Paleolítico al aire libre. El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca. Memorias, Arqueología en Castilla y León, 16*. Salamanca: Junta de Castilla y León.
- AUBRY, T., DIMUCCIO, L. A., MERCÉ BERGADÁ, M., SAMPAIO, J., & SELLAMI, F. (2010), "Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art". *Journal of Archaeological Science*, 37, pp. 3306-3319.
- AUBRY, T.; SANTOS, A., & LUÍS, L. (2014), "Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal)". *Actes du colloque Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique*. Paleo, numéro spécial. Paris: MADAPCA, 16-18 novembre 2011, pp. 259-270.
- BAPTISTA, A. M. (1981), *A Rocha F155 e a origem da Arte do Vale do Tejo. Monografias Arqueológicas, 1*. Porto: GEAP.
- BAPTISTA, A. M. (2008), *O paradigma perdido: o Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- BAPTISTA, A. M., & SANTOS, A. T. (2013), *A Arte Rupestre no Guadiana Português na área de Influência do Alqueva. Memórias d'Odiana, 2ª série*. Beja: EDIA.
- BENITO DEL REY, L., BERNARDO, H. A., & SÁNCHEZ RODRIGUEZ, M. (2003), "Santuário do "Abrigo do Passadeiro" em Palaçoulo". In L. Benito del Rey, H. A. Bernardo, & M. Sánchez Rodriguez, *Santuários Rupestres Pré-históricos em Miranda do Douro (Portugal) e no seu entorno de Zamora e Salamanca (Espanha)*. Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro, pp. 491-520.
- BERNARDO, H. A. (2000), "Para a carta arqueológica do concelho de Miranda do Douro". In J. F. Meirinhos, *Estudos Mirandeses. Balanço e Orientações*. Miranda do Douro: Granito, Editores e Livreiros Lda., pp. 187-221.
- COLLADO GIRALDO, H. (2006), *Arte Rupestre en la Cuenca del Guadiana: el conjunto de grabados de Molino Manzániz (Alconchel-Cheles). Memórias d'Odiana, 4*. Beja: EDIA.
- FIGUEIREDO, S. C. (2013), *A arte esquemática do Nordeste Transmontano: contextos e linguagens*. Diss. de Doutoramento, Braga: Universidade do Minho (ed. policopiada).
- FORTEA PÉREZ, F. J. (2000-2001), "Los comienzos del Arte Paleolítico en Asturias: aportaciones desde una arqueología contextual no posestilítica". *Zephyrus*, 53-54, pp. 177-216.

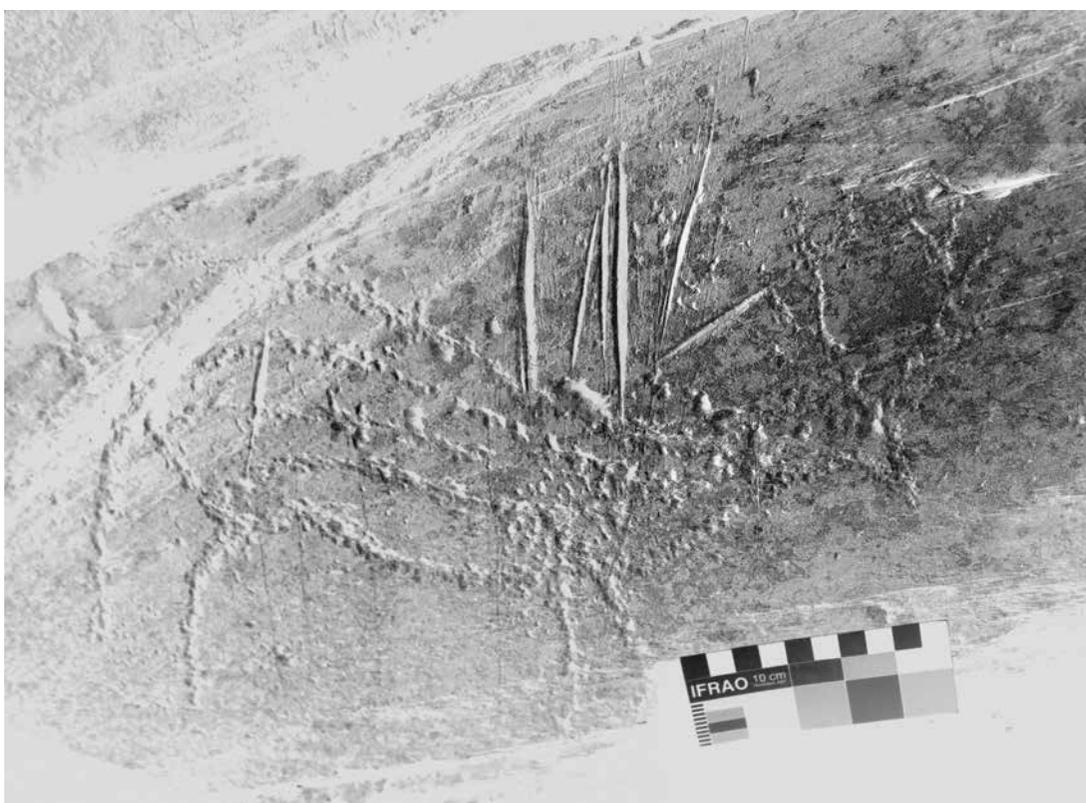
- GOMES, M. V. (2010), *Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um ciclo artístico-cultural Pré e Proto-histórico*. Diss. de Doutoramento. Lisboa: FCHS-UN Lisboa.
- GOMES, M. V. (2002), “Arte Rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século”. *Arqueologia e História*, 54, pp. 139-194.
- HENRIQUES, F. & CANINAS, J. C. (2009), “Pedra das Letras: uma rocha com grafismos lineares (Proença-a-Nova)”. *Açafa*, pp. 1-18.
- HERNADO ÁLVAREZ, C. (2011), “New perspectives on an old problema: deep-trace rock exterior engravings in the pre-magdalenian parietal art of the Cantabria región. Chronological context and graph homogeneity”. *Munibe*, 62, pp. 101-116.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2012), “Novas datações pelo Carbobó 14 para as ocupações holocénicas do Prazo (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Norte de Portugal)”. *Estudos do Quaternário*, 8, pp. 22-37.
- SANCHES, M. J. (1996), *Ocupação Pré-histórica do Nordeste de Portugal. Monografias e Estudios*. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques.
- SANCHES, M. J. (1992), *Pré-história Recente no Planalto Mirandês. Monografias Arqueológicas* (Vol. 3). Porto: GEAP.
- SANCHES, M. J., & TEIXEIRA, J. C. (2013), “An Interpretative approach to “devil claw” carvings: the case of River Tua Mouth Rock shelter (Alijó, Trás-os-Montes, Northeast Portugal)”. *XXV Valcamonica Symposium: Art as a source of History, 20-26 de Setembro*. Capi di Ponte, Itália: Centro Camuno di Studi Preistorici, pp. 59-68.
- SANCHIDRIÁN, J. L. (2001), *Manual de Arte Prehistorico*. Ariel Prehistoria.
- TEIXEIRA, J. C. (2013, no prelo), “O abrigo de Parada, um sítio de arte rupestre do vale do Sabor (Alfândega da Fé, Bragança, Trás-os-Montes)”. In M. J. Sanches, & D. J. Cruz (Ed.), *Atas da IIª Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-história à Proto-história*. Estudos Pré-históricos. 18. Viseu: CEPBA.
- TEIXEIRA, J. C. (2011), *Relatório Final do levantamento de arte rupestre do Cabeço do Aguilhão, EP 47, 186, 187 e 188. Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor. Plano de Salvaguarda do Património*.
- TEIXEIRA, J. C., VALDEZ-TULLETT, J., & SANCHES, M. J. (2013, no prelo), “O abrigo da Foz do Rio Tua – Alijó (Trás-os-Montes, Portugal). Identificação e estudo preliminar”. In M. J. Sanches, & D. J. Cruz (Ed.), *Atas da IIª Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-história à Proto-história*. Estudos Pré-históricos. 18. Viseu: CEPBA.
- VALE, A. M. (2012), *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma colina monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. Diss. de Doutoramento. Porto: FLUP (poli-copiado).



**Fig. 1:** 1 – Localização do abrigo do Passadeiro na bacia hidrográfica do rio Douro e no Noroeste da Meseta Norte (Iberia). Marcam-se ainda as áreas geográficas desta região que têm rochas ou abrigos gravados com unhas do diabo. 2 – Vista sobre a localização do abrigo do Passadeiro, situado na margem esquerda do pequeno curso de água denominado Ribeirica. A seta indica o abrigo.



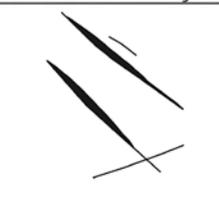
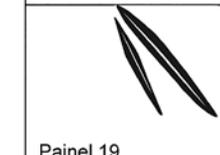
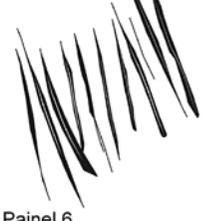
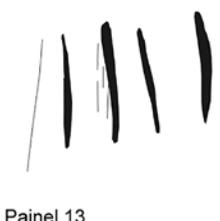
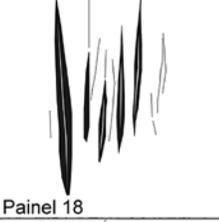
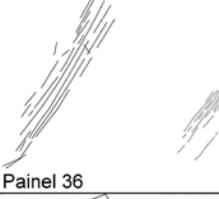
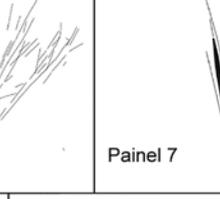
**Fig. 2:** 1 – Vista frontal do abrigo (foto tirada da margem oposta da ribeira). São visíveis os painéis 3 (A e B) e o painel 4. Nesta perspectiva os painéis 1 e 2 ficam ocultados pelo grande bloco em forma de estela. 2 – Desenho esquemático do alçado frontal do abrigo (realizado sobre fotografia), onde se indicam os painéis 1, 3A, 3B e 4. O painel 2 fica oculto pelo grande bloco tombado por detrás da figura humana.



**Fig. 3:** 1 – Vista próxima do painel 1 do Abrigo do Passadeiro (Palaçoulo-Miranda do Douro). A escala situa-se sob o desenho do veado. 2 – Veado subnaturalista do painel 1 sobreposto às gravuras de tipo unhada do Diabo (fotografia tratada por áreas com o objectivo de realçar o desenho do zoomorfo).



**Fig. 4:** 1 – Detalhe do painel 1: veado (pormenor da sua parte dianteira) sobreposto ao conjunto das unhas/ /riscos finos. 2 – Vista de pormenor de associações gráficas de unhas e riscos finos no Painel 3A.

Associações formais de unhas de incisões finas no Abrigo da Foz do Tua		
Associações (alguns exemplos)		Descrição
 Painel 6	 Painel 13	Pares de linhas paralelas.
 Painel 6	 Painel 7	Linhas em configuração angular: linhas convergentes, ou tendencialmente convergentes, num dos vértices; linha convergindo a meio segmento de outra linha (configuração tipo <i>lambda</i> ou <i>lambda</i> invertido)
	 Painel 19	
 Painel 6	 Painel 13	Grupos de linhas tendencialmente paralelas, podendo configurar bandas mais ou menos longas.
 Painel 18	 Painel 42	
	 Painel 23	
 Painel 36	 Painel 7	Feixes de linhas (grupos de linhas muito concentradas).
 Painel 7	 Painel 9	Outras associações.

**Fig. 5** – Exemplos de associações formais entre unhas e riscos finos no Abrigo da Foz do Tua (Alijó).



**Fig. 6** – Levantamento gráfico do painel 7 do Abrigo da Foz do Tua. Repare-se no conjunto de unhas, associações de riscos finos e motivos que interpretamos como peixes de tendência esquemática, mas que ainda podemos considerar subnaturalistas.

